



UFSM

Artigo Monográfico de Especialização

**MUDANÇAS NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DOS
PROFESSORES PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS
SURDOS NA ESCOLA REGULAR**

Juliani Natalia dos Santos

Santa Maria, RS, Brasil

2010

**MUDANÇAS NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DOS
PROFESSORES PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS
SURDOS NA ESCOLA REGULAR**

por

Juliani Natalia dos Santos

Artigo apresentado no Curso de Especialização em
Educação Especial – Déficit Cognitivo e Educação de
Surdos, do Centro de Educação da Universidade Federal de
Santa Maria como requisito parcial para obtenção do grau
de
Especialista em Educação Especial.

**Santa Maria,RS,Brasil
2010**

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Especialização em Educação Especial - Déficit Cognitivo e
Educação de Surdos**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Artigo Monográfico de
Especialização

**MUDANÇAS NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DOS
PROFESSORES PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS
SURDOS NA ESCOLA REGULAR**

elaborado por

Juliani Natalia dos Santos

como requisito parcial para obtenção do grau de

***Especialista em Educação Especial: Déficit Cognitivo e Educação
de Surdos***

COMISSÃO EXAMINADORA:

Tatiana Luiza Rech
(Presidente/Orientador)

fulano

fulano

**Santa Maria,RS, Brasil
2010**

RESUMO

Artigo de Especialização

Curso de Especialização em Educação Especial – Déficit Cognitivo e Educação
de Surdos

Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

MUDANÇAS NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DOS PROFESSORES PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS NA ESCOLA REGULAR

AUTORA: Juliani Natalia dos Santos

ORIENTADORA: Tatiana Luiza Rech

Resumo: A presente investigação teve como objetivo verificar quais são os desafios e as mudanças necessárias nas práticas educativas dos professores, da escola regular, para que seja possível pensarmos em um processo de inclusão, de alunos surdos, com resultados positivos para este sujeito. Esta pesquisa foi desenvolvida durante sete meses, entre os anos de 2009 e 2010, com a realização das observações diárias, no Instituto Federal Farroupilha - Campus Santo Augusto, tendo como sujeitos da pesquisa dois alunos surdos, um deles oralizado e com leitura labial perfeita, e outra aluna usuária somente da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Através do estudo foi possível perceber que as escolas que possuem, ou que terão alunos surdos incluídos, precisam adaptar as suas práticas, a fim de contribuírem para o progresso escolar dos alunos. Também é necessário investir na formação dos professores para que o processo de inclusão escolar seja feito com solides, garantindo assim o acesso e permanência dos alunos surdos, proporcionando aos professores novas formas de trabalhar suas práticas, fazendo-se as mudanças necessárias para que a inclusão se efetive.

Palavras-chave: Alunos surdos – Práticas educativas – Inclusão Escolar

“A Semente esta sendo plantada e é de responsabilidade de todos nós regá-la e cultivá-la para que no futuro possamos colher os frutos da inclusão”. (Stein, Mônica Cristina da Rocha)

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	4
1.1. Justificativa.....	4
1.2. Tema.....	6
1.3. Problema de pesquisa.....	6
1.4. Objetivos.....	6
1.4.1.objetivos Gerais.....	6
1.4.2.objetivos específicos.....	6
2. CAMINHO DA INVESTIGAÇÃO	8
3. REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
3.1.Revendo as práticas educativas na escola.....	10
3.2.A inclusão de alunos surdos na escola regular.....	12
3.3.A inclusão escolar de alunos surdos na prática diária.....	15
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
5.REFERÊNCIAS.....	21

1. APRESENTAÇÃO

1.1- Justificativa

Muito se discute, atualmente, sobre a influência da inclusão de alunos surdos na escola regular, e a partir deste movimento, as mudanças nas práticas educativas que se fazem presentes ao longo da história, desde o surgimento da primeira escola de surdos em Paris em 1760, onde somente surdos filhos de nobres tinham um estudo adequado a sua condição. A escola chamada originalmente de “Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris”, foi fundada pelo francês Charles Michel de Lepée. Nesta época já era usada uma linguagem de sinais, porém com sinais ainda muito primitivos. Esta escola, por exemplo, deu ao mundo uma visão diferenciada dos surdos, mostrando que eles também poderiam adquirir conhecimento.

Sendo assim o tema escolhido para minha pesquisa diz respeito a algumas práticas de inclusão realizadas com alunos surdos no ensino regular e baseia-se na experiência com dois surdos incluídos, mostrando e justificando as mudanças educacionais e pedagógicas feitas para contemplar estes alunos no quadro discente da escola. Acredito que seja importante lançar um olhar crítico sobre este espaço tão complexo e multifacetado, e mostrar as muitas mudanças necessárias para manter o acesso e permanência destes alunos no ensino regular. Este novo olhar que lanço é a prioridade desta pesquisa, respeitando o espaço de cada indivíduo envolvido para, posteriormente compreender as suas particularidades, fazendo com que se possa analisar duas fases dessa chamada inclusão, sendo de um lado o discente incluído e do outro lado o professor com poucos suportes para receber estes alunos.

É importante enfatizar que os alunos pesquisados são completamente diferentes, sendo o primeiro um adolescente com todas suas

particularidades da idade, oralizado e com leitura labial perfeita, estudante do curso técnico em informática. A outra aluna com 24 anos, é usuária somente da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)¹ e aluna do curso de licenciatura em computação. Ambos optaram por uma área bem complexa e cheia de subjetividades nas explicações e aplicações dos conteúdos propostos, tornando ainda mais difícil o seu aprendizado e a forma de explicação pelos professores dos cursos, que se deparavam pela primeira vez com determinada situação.

As práticas educativas vêm sendo aprimoradas e modificadas a cada dia, pois sofrem uma série de alterações necessárias, para que a escola possa acompanhar o desenvolvimento dos alunos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Um dos objetivos é fazer com que eles possam desenvolver-se e aprender o necessário para que sejam capazes de desempenhar seus papéis na sociedade como profissionais competentes. Os fatores que influenciam nas mudanças das práticas já existentes são fatores sociais, culturais, econômicos entre outros. Estas mudanças estão presentes no dia-a-dia de todas as escolas, dentre elas, as que possuem alunos surdos incluídos.

Para a realização desta pesquisa empírica, optei pela pesquisa qualitativa², pois já estava inserida no contexto pesquisado. Os métodos utilizados na coleta de dados para a pesquisa foram realizados mediante entrevistas com professores da escola e da convivência diária com os dois discentes, sabendo e vivenciando todas as dificuldades apresentadas tanto pelos alunos - para a compreensão do conteúdo - quanto, para os professores - ao adaptar as atividades e avaliações em sala de aula. É importante salientar que os professores pesquisados estavam pela primeira vez em contato com alunos surdos na escola regular, o que nos faz perceber, o quanto este processo de inclusão total ainda é pouco problematizado pelas escolas. vivenciando cada experiência.

Sendo assim foi com o ingresso destes alunos, e das dificuldades apresentadas por eles e, por todo o corpo docente da escola, que resolvi

¹ LIBRAS: é a língua materna dos surdos brasileiros.

² Entendo a pesquisa qualitativa como a tentativa de entender os significados das situações apresentadas pelo indivíduo entrevistado, apresentando as relevâncias práticas de cada ideia.

desenvolver minha pesquisa, com a finalidade de mostrar a realidade da escola, dos professores, e dos alunos envolvidos neste processo de inclusão.

1.2-Tema: Mudanças nas práticas educativas dos professores para inclusão de alunos surdos na escola regular.

1.3-Problema de pesquisa: Quais os desafios e as mudanças necessárias nas práticas educativas dos professores para a inclusão de alunos surdos.

1.4-Objetivos

1.4.1-Objetivo Geral: Demonstrar a importância das adaptações curriculares nas práticas educativas já existentes com alunos surdos, para que possa ocorrer uma inclusão efetiva.

1.4.2-Objetivos Específicos:

- Observar as mudanças nas práticas educativas para inclusão de alunos surdos na escola regular de ensino;

- Questionar os professores sobre as dificuldades de atender os alunos surdos incluídos;

- Enfatizar a importância de ter profissionais especializados para trabalhar com alunos surdos na escola regular;

- Analisar até que ponto o ambiente sócio-cultural dos alunos, é relevante diante de um bom resultado na sua inclusão;

- Apresentar as evoluções ocorridas a partir das mudanças realizadas.

2. CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO

Esta pesquisa foi desenvolvida durante sete meses, entre os anos de 2009 e 2010, tendo início no mês de Maio de 2009, com a realização de observações diárias. A investigação foi realizada no Instituto Federal Farroupilha - Campus Santo Augusto, que tem um total de 648 alunos. Este instituto é técnico e científico e tem o intuito de formar cidadãos críticos e capazes de questionar a sociedade com argumentos coerentes, e ainda, que estes cidadãos sejam capazes de desempenhar um bom trabalho na comunidade onde moram.

O primeiro aluno denominado por mim de “J.G” é estudante do curso Técnico Integrado de Informática. A segunda aluna pesquisada frequenta o curso de Licenciatura em Computação em nível superior denominada por mim de “A.L”. Ambos são Surdos, porém, “J.G” é oralizado e utiliza a leitura labial perfeitamente, já à aluna “A.L” somente faz o uso da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

A entrada destes alunos na escola regular foi um verdadeiro desafio para toda a comunidade escolar envolvida, pois a escola não estava preparada para receber alunos surdos, fazendo com que os professores responsáveis pelas turmas as quais os alunos fazem parte, ficassem muito confusos. O maior desafio era quanto ao modo de como adaptar as atividades oferecidas a eles, da forma como deveriam avaliá-los e ainda, o que considero o mais preocupante, como iriam se comunicar neste processo de ensino e aprendizagem.

Levando-se em consideração este novo modelo - onde a regra determina a inclusão de todos - a escola passou a se preocupar com questões referentes ao acesso e permanência dos surdos incluídos diante de uma série de cobranças, já que sendo uma Escola Técnica Federal, deveria mostrar

resultados positivos e rendimento dos seus alunos. A cada dia as dúvidas eram maiores e as preocupações também, pois os alunos surdos não estavam conseguindo acompanhar a turma, e os professores estavam com dificuldades de ensinar os conteúdos propostos. Embora todos se ajudassem da melhor forma possível, os resultados positivos eram poucos.

Foi quando comecei minha pesquisa trabalhando como intérprete dos dois alunos surdos, em maio de 2009, onde percebi muitas das dificuldades apresentadas, por estarem aprendendo conteúdos muito complexos e subjetivos, não conseguindo acompanhar a turma e até então, os professores não tinham se dado conta de como deveriam cobrar os conteúdos aprendidos por eles. Com isso, depois de muitas conversas e trocas de experiências, além de uma aproximação maior entre professores e alunos incluídos, decidi aplicar um questionário (em anexo), que pudesse esclarecer quais as dúvidas existentes em relação a educação de surdos e a inclusão, com o intuito de nortear as ações a serem desenvolvidas.

A atividade foi realizada com os professores da área de informática e profissionais que trabalham e que poderiam vir a trabalhar com estes sujeitos surdos. Com base nestas informações, começamos a desenvolver projetos para que os alunos surdos pudessem mostrar suas capacidades, sendo assim foram desenvolvidos projetos - sendo um de aulas de LIBRAS para a comunidade escolar ministrado pela aluna surda, e outro de aulas extras usando formas diferenciadas de aplicar os conteúdos propostos, utilizando materiais concretos sendo possível ajudá-los e aprender muito com estes alunos.

A partir destas iniciativas os professores envolvidos no processo de ensino e aprendizagem puderam modificar suas formas de elaboração de avaliações e construíram formas novas de desenvolver suas praticas educativas para que estes alunos surdos pudessem acompanhar as aulas e, compreenderem o significado do conteúdo proposto.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1. Revendo as práticas educativas na escola

As práticas educativas vêm sendo aprimoradas a cada dia, para que se possa acompanhar o desenvolvimento do indivíduo envolvido nesse novo modelo que é o da inclusão. Os fatores que influenciam nas práticas educativas são fatores sociais, culturais e econômicos entre outros. Porém, os que mais são observados são os fatores sócio-culturais, pois é a vivência dos alunos e do seu contexto social que poderemos elaborar atividades pedagógicas que venham ao encontro das necessidades e particularidades dos nossos alunos.

Reavaliar e adaptar as práticas educativas existentes são fundamentais para um bom desenvolvimento do trabalho, pois conhecer e tentar entender o contexto, no qual o aluno está inserido é o primeiro passo a ser desenvolvido. Proporcionar atividades interessantes que estimulem a curiosidade é essencial, no caso dos nossos surdos atividades que apresentem riqueza visual e atividades práticas com materiais concretos são necessárias para que se obtenha resultados satisfatórios. Segundo a professora “J”, que trabalha a disciplina de matemática com a aluna “A.L”, “as provas escritas devem ser diferenciadas, abordando os tópicos essenciais que foram trabalhados com mais ênfase com a aluna”. A professora explica que “algumas apresentações de trabalhos em que ela deveria expor um conteúdo também foram realizadas, para que a aluna pudesse expor seus conhecimentos e aprendizados como os demais colegas”.

A escola é a constituição do sujeito simbólico, porém antes de tudo

ela precisa definir-se quanto à concepção de sujeito, de mundo e de sociedade, para poder desenvolver um trabalho mais eficaz. Mas isso só é possível se a escola possuir professores qualificados ou simplesmente disponíveis a uma reavaliação de sua didática, fazendo com que esta contemple as necessidades apresentadas, respeitando as diferenças e enfatizando as capacidades, elaborando desta forma, projetos e ações que vão ao encontro as propostas do que seria a educação inclusiva. Vygotsky (1988, p.96) chama de “novo ponto” o que chamamos de “um novo olhar” para as limitações e possibilidades dos nossos alunos.

Portanto, são atividades concretas e bem fundamentadas direcionadas com um “novo olhar” que poderão ajudar o aluno surdo a se adaptar na escola onde está inserido. Isso também fará com que ele venha a ter um melhor desenvolvimento, respeitando sempre suas características, especificidades e o seu tempo de aprendizado. De acordo com a professora “R”, que trabalha com a disciplina de Artes com o aluno “J.G”, “a melhor forma de avaliação do aluno surdo seria realizada pela mensagem/comunicação, valorizando a sua participação e evolução junto à turma”.

Como sabemos, a Declaração de Salamanca defende a ideia de que todas as práticas pedagógicas sejam adaptadas e modificadas para um melhor desenvolvimento dos alunos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, ou seja, para que se possa chegar a um fator comum em seu aprendizado. A Declaração de Salamanca (1994, p. 7) estabelece os seguintes pressupostos:

- As escolas devem acolher todas as crianças, independente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, lingüística, etc.
- As escolas precisam encontrar uma maneira de educar com êxito todas as crianças.
- As escolas necessitam desenvolver uma pedagogia centrada na criança, capaz de educar com sucesso todos os meninos e meninas, inclusive os que possuem alguma deficiência grave. Mudar atitudes de discriminação, criar comunidades que acolham a todos e sociedades integradoras.

Com isso, podemos perceber a importância das adaptações nas práticas educativas para inclusão de alunos surdos no ensino regular, pois

proporcionar a eles atividades que vão ao encontro da sua forma de aprender, que no caso é a espaço-visual, faz com que os alunos surdos contemplem o aprendizado de determinadas disciplinas de maneira mais significativa. Pretendendo, desta forma, que eles se sintam capazes de exercer as funções exigidas para o seu curso. A presença de profissionais especializados com formação adequada para trabalhar com estes alunos surdos é fundamental, pois este suporte poderá ser uma ferramenta para ajudar nas atividades e avaliações propostas pelo professor da classe regular, além de orientar o professor em relação às adaptações na sua metodologia de ensino, contemplando assim as capacidades do aluno surdo, a fim de fazer com que eles sintam-se parte do meio onde estão incluídos.

3.2. A inclusão de alunos surdos na escola regular

A proposta de inclusão se faz presente no nosso contexto pois vem como uma ideia inovadora onde todos os indivíduos envolvidos terão que se re-estruturar para recebe-la, ela contempla o aluno como um sujeito capaz de desenvolver todas as atividades propostas, desde que se ofereça a ele todo o suporte necessário para que possa acompanhar a turma, porém ainda há muitas barreiras a serem enfrentadas para que a inclusão tenha êxito de resultados.

Esta proposta prevê a permanência e assistência de todos os indivíduos envolvidos neste processo, porém para que possamos chegar a um fator comum é preciso que se observem mais de perto quais as condições de se fazer as mudanças de pequeno³ e grande porte⁴ necessárias para que a inclusão possa ser efetuada, estas podem ser curriculares, avaliativas, administrativas, pedagógicas...

³ Mudanças de pequeno porte: Compreendem modificações menores, de competência específica do professor. Elas constituem pequenos ajustes nas ações planejadas a serem desenvolvidas no contexto da sala de aula (PCNs,1999).

⁴ Mudanças de grande porte: Compreendem ações que são da competência e atribuição das instâncias político-administrativas superiores, já que exigem modificações que envolvem ações de natureza política, administrativa, financeira, burocrática, (PCNs, 1999).

Segundo Jesus e Martins (2000, p.16):

O conceito de escola inclusiva enquadra-se no princípio da igualdade de oportunidades educativas e sociais a que todos os alunos, sem exceção, têm direito, pretendendo significar que todos os alunos devem (ou têm o direito de) ser incluídos no mesmo tipo de ensino. Isto é proposto no plano dos princípios, porque na realidade há que atender às diferenças individuais, no sentido de potencializar o desenvolvimento de acordo com as características de cada aluno, o que implica a flexibilização da organização escolar, das estratégias de ensino, da gestão dos recursos e dos currículos.

Com a Inclusão Escolar, muitas reorganizações começaram a serem pensadas na área da Educação Especial, um exemplo é a preocupação imposta de qual seria o lugar mais adequado para a educação dos alunos com deficiências, dentre eles os alunos surdos. Como está previsto na LDB 9394/96, capítulo V, artigo 58, os alunos surdos devem estar incluídos preferencialmente em escola regular de ensino, desde a pré-escola com acompanhamento de um professor ouvinte, para ter contato com o português falado, e com a presença de um instrutor surdo para que paralelamente com o português adquira a LIBRAS como primeira língua. A professora “J”, ao ser questionada em relação ao que pensa sobre a inclusão de alunos surdos na escola regular, diz que “é essencial para que os ouvintes possam ser incluídos na cultura surda”, e ainda reforça sua ideia dizendo que “é preciso apoio técnico para garantir a aprendizagem do aluno surdo incluído, mas que a caminhada deve começar dentro das possibilidades que a escola possui”. A educadora ressalta também, que a inclusão desses alunos não deve preterir ou impedir sua convivência com a comunidade surda ou com ambientes em que convivam com outros grupos linguísticos.

Penso que a inclusão se mostra de uma forma eficaz para o desenvolvimento do indivíduo incluído, pois é a partir das trocas realizadas com seus pares que poderão desenvolver seus sentidos mais primitivos. O modelo ontogenético Vygotskyano, que fala sobre a importância das mediações e das interações para a evolução do processo cognitivo nos indivíduos, reforça a ideia de que a inclusão se torna importante para que os alunos incluídos

desenvolvam e ampliem seus conhecimentos em contato com alunos de classe regular. Concordo com esta proposta, pois vemos em nós mesmos que o meio onde estamos inseridos nos desenvolve como pessoas e nos caracteriza. Sobre isso, o professor “L”, que trabalha a disciplina de Educação Física, com o aluno “J.G”, acredita ser de suma importância a inclusão de alunos surdos, “pois apesar de suas limitações necessitam de um espaço de relacionamentos e trocas com os alunos ditos normais”, e reforça a ideia de que muitos estudos apostam na “teoria do contato”. Essa teoria explica que o envolvimento com alunos com alguma limitação torna o relacionamento entre crianças e adolescentes mais positivo e de maior aceitação.

A inclusão traz consigo diversas reestruturações a serem executadas, porém se pensarmos na inclusão escolar como uma ideia inovadora que traga ao aluno surdo condições de ser visto com igualdade de condições, e com boas intenções, poderemos realizá-la com sucesso e êxito de resultados. Pensar na inclusão hoje em dia faz com que as escolas percebam que suas práticas pedagógicas podem estar ultrapassadas, que suas formas de vivenciar o novo podem inibir a evolução cultural dentro de seus estabelecimentos, pois é a sociedade que faz a cultura e desenvolve a identidade do indivíduo.

No momento em que as instituições de ensino compreenderem que a inclusão esta posta na atualidade e não há mais como pará-la, será simples incluir sem excluir. Segundo o documento apresentado para a inclusão de alunos com deficiências em instituições federais de ensino, a institucionalização da Política de Inclusão compreende um conjunto de ações que “promovem a preparação para o acesso, o ingresso, a permanência, a conclusão com sucesso do percurso formativo e a inserção no mundo do trabalho de grupos em desvantagem social” (Política de Inclusão na Rede Federal de Educação, 2009, pág.11).

Precisamos compreender que é somente respeitando as desigualdades que obteremos resultados positivos. Perceber o outro é fundamental, respeitar as especificidades de cada indivíduo fortalece a inclusão proposta pelas escolas federais, o exercício de convivência com o diferente irá dar aos indivíduos que dela fazem parte, interações e trocas fundamentais. No

caso dos alunos surdos incluídos e citados nessa pesquisa, as trocas com seus colegas mostraram muitos resultados satisfatórios e, evolução por parte dos alunos, não somente dos alunos surdos, mas também, dos alunos ouvintes, que em contato com os surdos estabeleceram novas redes de significados. Os alunos puderam compreender um pouco da história da comunidade surda, dos seus aprendizados, descobrindo a prática da LIBRAS e saber como se da sua identidade. Essa iniciativa fez ainda com que os professores envolvidos neste processo, compreendessem a forma de aprendizado de seus alunos surdos, as mudanças necessárias em uma avaliação para que se pudesse ter um bom entendimento da atividade proposta, mostrando respostas condizentes e possibilitando assim, ao professor, avaliar seu aluno surdo de uma forma a atingir resultados satisfatórios.

Sendo assim, podemos observar que a inclusão escolar é possível desde que ocorra as modificações necessárias para um bom desenvolvimento do aluno, e que o professor esteja sempre pronto para receber complementos e propostas de inovação, proporcionando assim uma inclusão eficaz, apresentando alunos bem formados com ideias críticas, capazes de desenvolver suas capacidades e estruturar um bom trabalho perante seus pares.

3.3. A inclusão escolar de alunos surdos na prática diária

A escola apresentada nesse estudo, embora seja considerada uma instituição de ensino muito recente, com apenas dois anos e meio de funcionamento, já enfrenta a realidade de ter alunos surdos incluídos, e ao mesmo tempo, se depara com a realidade de muitas outras instituições do país, a realidade da inclusão sem nenhum subsídio concreto. Se olharmos para o cotidiano escolar do aluno “J.G” vamos observar uma turma composta por 35 alunos que cursam o curso técnico em informática, e professores despreparados para trabalhar com esta nova proposta que sustenta a inclusão.

Segundo o questionário aplicado, alguns professores veem a

inclusão como “uma atividade difícil, porém necessária e valorosa para a formação do aluno com necessidades especiais e demais pessoas”. Já o aluno “J.G” relata que “acredita ser bom, pois na escola regular ele pode aprender muito”. Na entrevista, o aluno expôs ainda, que já havia estudado na APAE do município e por não ter um atendimento diferenciado se sentia mal, o que fez ele desistir dos estudos. Desde então, vem estudando em escolas de ensino regular. Porém, a aluna “A.L”, acredita que “a inclusão seja boa, mas sente-se sozinha e diz que os professores explicam pouco a ela, pelo fato de não saberem sua língua”, ou seja, por não dominarem a LIBRAS.

No mesmo contexto, temos respostas divergentes sobre a inclusão, o professor “I”, diz que acha “a ideia muito bonita, mas que não funciona porque as escolas regulares não estão preparadas para incluir estes alunos”. Acredito que essa iniciativa talvez pudesse funcionar melhor em escolas preparadas e com a proposta devidamente realizada desde as séries iniciais, a fim de termos maior coerência nas ações.

A realidade que encontramos está muito longe da considerada ideal. Despreparados, muitos professores na hora da comunicação, usam como recurso a leitura labial, ou escrevem suas perguntas ao aluno em bilhetes. Da mesma forma, elaboravam suas respostas. Na hora da explicação dos conteúdos, alguns professores fazem um grande esforço, e viram para o aluno com a intenção de que ele, lendo seus lábios pudesse entender o conteúdo. Muitos professores relatam, que só ficaram sabendo que o aluno era surdo, muitas aulas após o começo dos dias letivos, muitas vezes, pelo fato do aluno fazer uso da oralidade para se comunicar. A estratégia de escrever no papel não ocorre com a aluna “A.L”, pois ela tem dificuldades na escrita e leitura do português, bem como leitura labial, muitas vezes não sendo compreendida em suas indagações. Suas avaliações até então, eram realizadas de forma tradicional, ou seja, provas e outras atividades sem nenhum tipo de adaptação, dificultando assim, a possibilidade de demonstrar o que havia aprendido. Como relatam os próprios professores em relação às atividades propostas:

“Desenvolvi com o aluno provas e trabalhos escritos” (Professora D)

“Prova escrita, elaboradas de forma a tentar facilitar sua leitura e escrita” (Professor I).

“Desenvolvi com o aluno provas normais, ou seja, iguais as avaliações dos outros alunos” (Professora A).

Em contrapartida a estas ideias, os alunos surdos relatam que aprendem mais com provas objetivas e trabalhos em grupo, além de seguidamente enfatizarem a importância de se ter o estímulo visual nas atividades propostas.

Foi através desses relatos, que começamos a desenvolver projetos que pudessem contemplar a prática em sala de aula, orientar os professores sobre a surdez e fazer com que eles pudessem observar a importância do professor estar preparado para receber os alunos surdos, bem como a importância de saber como eles pensam e a forma como aprendem.

A partir do curso de LIBRAS ministrado pela aluna “A.L”, em parceria com os professores que trabalham as disciplinas de metodologia, psicólogos, pedagogos e psicopedagogo, que podemos fazer com que os professores interessados no desenvolvimento de seus alunos surdos pudessem conhecer um pouco mais sobre sua cultura e identidade. O curso foi oferecido a professores do município de Santo Augusto (RS), aos professores e técnicos administrativos do Instituto Federal, além de uma importante participação que foi a da família do aluno “J.G”. Por meio do curso, seus pais e seu irmão de sete anos começaram a compreender o quanto era fundamental para o aluno “J.G”, estar envolvido em seu contexto de vida e saber que não era ele a única pessoa surda existente. Desta forma, ele pode compreender que os surdos têm um grande potencial, que podem exercer funções e desenvolve-las com sucesso.

Com o início do projeto, surgiram também as mudanças, onde a aluna surda pode mostrar diante de uma sociedade oralista, o quanto a LIBRAS faz diferença em sua vida. Tais mudanças fizeram com que os professores experimentassem o lugar dos alunos que tem uma língua diferente,

observando que a dificuldade que eles têm em aprender a LIBRAS, pode ser a mesma que o aluno surdo tem ao aprender seus conteúdos curriculares, sem nenhum tipo de auxílio, de profissionais capacitados e atividades adaptadas.

Na sala da aluna “A.L”, seus colegas conseguiram estabelecer certo contato com ela, acolhendo-a e a ajudando quando necessário nas atividades propostas. Porém, o que veio a complementar esta inclusão foi a disciplina de LIBRAS que os alunos das licenciaturas têm em sua grade curricular, pois esta iniciativa fez com que eles não quisessem mais normalizar a colega com o uso de gestos, ou fazendo-a escrever para ser compreendida.

Os professores passaram a entender que, enquanto profissionais da educação, devem procurar aperfeiçoamento para contemplar este novo paradigma da inclusão escolar. Porém, esta mesma vontade não é observada em todos os profissionais que trabalham com estes alunos, já que provas extensas e muitas vezes abstratas eram aplicadas. Após muitas conversas e conscientização a maioria dos profissionais conseguiu compreender a importância de se ter profissionais capacitados, para orientação nas atividades e provas. Compreenderam que a forma de cobrar o conteúdo trabalhado era a mesma, porém que estas deveriam ser adaptadas aos alunos surdos, para que se pudesse obter êxito de resultados.

Depois de alguns meses na escola, pude observar que as mudanças foram acontecendo de uma forma lenta, porém significativa. Observei que aqueles alunos não seriam mais somente “os alunos surdos da escola” e sim, “os alunos surdos com potencial” da escola. Muitos dos profissionais envolvidos começaram a compreender o que é uma cultura surda e qual a importância de saber a língua natural dos surdos, a LIBRAS, e ainda, o quanto é importante conhecer o outro para saber como se processa o seu aprendizado.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse estudo, foi possível perceber que a realidade que temos atualmente encontra-se longe das ideias propostas em relação à inclusão dos alunos surdos na escola regular, porém não é impossível adaptar-se a ela, pois na prática, há sim alunos incluídos que estão conseguindo acompanhar as suas respectivas turmas.

Como sabemos, de acordo com a legislação vigente, os alunos surdos possuem o direito de frequentarem a escola regular, e ao Atendimento Educacional Especializado (AEE), oferecido em salas de recursos. Embora esse seja um direito reconhecido, ainda há muitas alterações a serem feitas para que a inclusão escolar possa acontecer de acordo com as necessidades dos alunos, e para que se possa ter uma proposta reconhecida pelo sucesso.

Sendo assim percebo que as mudanças nas práticas educativas dos professores são realmente necessárias, pois os alunos surdos expõem o que foi aprendido de uma maneira muito particular e, com o apoio de professores especializados e atualizados, poderão compreender os conteúdos escolares de maneira mais significativa, desde que as atividades sejam expostas de forma concreta e objetiva.

Portanto, as novas atitudes que se fazem presentes precisam ser cada vez mais aprimoradas, fazendo com que as escolas que possuem ou que terão alunos incluídos adaptem suas práticas, invistam na formação dos professores e se integrem as regras de acesso, pois a inclusão está aí e não temos como pará-la. Os alunos que estão nesta situação “de incluídos” demonstram a cada dia mais “sede de aprendizado”, fazendo com que a sociedade perceba que a incluir já é uma realidade, e que agora é a sociedade quem deve se incorporar a ela.

Contudo, pude perceber inovação nas práticas educativas dos professores, que estão sendo muito importantes na escola pesquisada, desde o início do trabalho até o presente momento. Observa-se que não foram apenas atividades passageiras que se desenvolveram na escola, e sim reorganizações relevantes na prática docente, que com muitos anos de magistério, resistem ao novo, porém sabem que as inovações são necessárias, e que a união através de projetos e atividades adaptadas em sala de aula, podem contemplar uma inclusão de alunos surdos no ensino regular com êxito de resultados.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96. Brasília: MEC, 1996.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Adaptações Curriculares. Brasília: MEC/SEF/SEESP, 1999.

JESUS, S. N., & MARTINS, H. Escola Inclusiva e Apoios Educativos. Porto: ASA editores II, 2000.

MEC/SETEC. Política de inclusão na rede federal de educação tecnológica. Brasília: MEC/SETEC, 2008.

UNESCO. Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais. Brasília: UNESCO, 1994.

VYGOTSKY, L. S. Concrete Human Psychology, Soviet Psychology, v. XXVII, n. 2, 1986. (Tradução para o português de Enid Abreu Dobránszky, 1989).

6. Anexos